
Ecos de Marielle Franco: Uma análise do seu poder e do lugar de fala.¹

Anna Carolina do Amaral SANTOS²

Karine do Prado Ferreira GOMES³

Faculdade Araguaia, Goiânia, GO.

RESUMO

Socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos, Marielle Franco estampou as manchetes de jornais do mundo inteiro ao ser vítima de uma execução no Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018. Quando analisamos aspectos da sua militância e trajetória política, observamos que seu ativismo refletia o conceito de Lugar de Fala debatido pelas autoras Djamila Ribeiro (2017) e Grada Kilombo (2019: 2017). Visando compreender a relevância de uma figura política como Marielle para o nosso meio social, a importância de sua fala, a quem ela alcança e como ecoa, o presente trabalho objetiva discutir e analisar criticamente tais reverberações criação e execução do documentário disponível no YOUTUBE – ‘Ecos de Marielle Franco’⁴, produzido com o propósito de analisar qualitativamente as relações da ex-vereadora com uma amostra da juventude atual diante a sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Política; Representatividade; Voz; Lugar de Fala.

INTRODUÇÃO

Vereadora eleita com 46 mil votos que obteve nas eleições de 2016, tornou-se a 5ª parlamentar mais votada da cidade do RJ, defendia as causas das mulheres, negros e LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, transexuais) e criticava duramente a intervenção federal que se estabeleceu no Rio de Janeiro. Falar sobre a ex-vereadora Marielle Franco é falar sobre os norteadores que pautaram sua candidatura e mandato, com base em suas narrativas. Nesse contexto, se destacam suas perspectivas no campo social, quanto ao direito de existência, em debates relacionados a raça, gênero, classe social e à mudança de conceitos enraizados em nossa sociedade. Historicamente, ainda é limitado o protagonismo de minorias, incomuns frente a essa tomada de espaço no campo político,

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Graduanda no curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Araguaia, e-mail: carolinaamaral1820@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora da Faculdade Araguaia e da Universidade Federal de Goiás, e-mail: karinedoprado@hotmail.com

⁴ O documentário está disponível no seguinte link:
<https://www.youtube.com/watch?v=FUZTTpaxKus&t=103s>

mas que através de diálogos e reflexões em suas falas podem se tornar “sementes” plantadas por essas figuras como Marielle, entre outras mulheres que lutaram e lutam por essa conquista. Dentre tantas narrativas direcionadas a representatividade de Marielle Franco, as falas se unem, se assemelham ao ponto de se tornarem uma só voz, lutas que já duram há anos, mas que tomam novas representações.

“Nossa fala é a máscara” a frase da escritora portuguesa Grada Kilombo faz parte da narrativa do livro *Memórias do Plantation: Episódios do Racismo Cotidiano* tradução por Jessica Oliveira de Jesus, o qual o primeiro capítulo *A Máscara*, conta a história da escrava Anastácia, de forma que a autora explica a relação da imposição do medo com o silêncio através do poder, pensando nas máscaras como representação do controle sobre um povo, a escritora brasileira Conceição Evaristo já disse “aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara.” (2019, p.173)

Tendo como referência o conceito de lugar de fala, este artigo busca compreender a representatividade da ex-vereadora Marielle Franco a partir do documentário disponível no YOUTUBE intitulado como *Ecos de Marielle Franco*, uma produção de Anna Carolina do Amaral e vinculado no canal sob mesmo título do nome da autora, com depoimentos alunos da Faculdade Araguaia do curso de Comunicação, em Goiânia, Goiás. Para abordar essa representatividade se faz necessário entender qual é o papel de uma mulher, negra, lésbica, mãe solteira e periférica na política, bem como tencionar as possibilidades dessa representação em nossa sociedade, dada a importância da tomada de uma representante de minorias aceder ao espaço político e ao poder de intervenção social por meio da garantia de leis e projetos que sustentem a proteção e desenvolvimento dessa população.

Causas e Efeitos

Nos últimos anos, principalmente após o resultado das eleições de 2018, observamos na política brasileira a tendência global ao que teóricos tem chamado de “virada conservadora”. Escancara-se que a sociedade brasileira além do alto grau de conservadorismo, também se mostra uma sociedade extramamente racista. Isso porque nossa contextualização histórica está enraizada em uma sociedade colonizada. Com a colonização da América por um povo que se denominava evoluído, domina e implanta

modelos de vida a outros povos “descobertos ou achados”. Dessa forma, Mignolo (2003), Quijano (2005) e Moore (2007) nos apontam para uma historicidade do racismo que vem desde a antiguidade, com a ocupação das terras e o surgimento da divisão do trabalho, passando pelo período de colonização até os dias atuais. Além da colonização da mão-de-obra, somos a todo instante colonizados por pensamentos e atitudes hierárquicas que apontam o que é “o melhor”, “a melhor língua”, “a melhor cultura”, “a melhor ciência”, “o melhor corpo”, “o que é certo e errado”, transformando assim a subjetividade do subalternizado através do “ensinamento” do opressor que o faz pensar ser inferior e, portanto, não sujeito. (FANON, 2008). O homem ou mulher “ideal” se configuram de acordo com colonizações de pensamento que indicam aspectos políticos que atribuem aos sujeitos significações de acordo com sua utilidade na sociedade, sendo isso historicamente marcado e reformulado por discursos, principalmente, midiáticos que apontam sujeitos “ideais” que obedecem a lógica eurocentrica de poder. Então “o sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras [...]” (BUTLER, 2003, p. 209), os sujeitos são culturalmente construídos e também constroem os outros durante as práticas sociais, os nomeando conforme uma hierarquia de poder hegemônico. Quando há um ato de fala contrário ao hegemônico, percebe-se a existência de uma narrativa insurgente. Narrativa como a de Marielle Franco e sua representatividade para a resistência exemplar das minoriais.

Em setembro de 2016, ainda vivendo em uma “marola” progressista quanto aos debates sociais inclusivos, é divulgado o vídeo no canal do YouTube Mídia Ninja⁵, no qual Marielle Franco relata sobre os pontos críticos da favela onde viveu e apresenta as principais pautas de sua candidatura à vereadora do município do Rio de Janeiro. No vídeo, a ativista fala sobre representar as mulheres negras, lésbicas e faveladas: “uma coisa é você morar na favela, outra é você reivindicar e usar desse lugar de favelada para estar fazendo política de outra maneira (...) A gente vai entrar, a gente vai sair, a gente vai fazer política, a gente vai resistir”.

Em seu discurso cita também o debate de gênero, de raça, as lutas da mulher negra na sociedade, dentre outros serviços sociais que abrangem tudo aquilo que ela representa. Surge assim a indagação de por que o discurso de Marielle é tão pouco comum nos

⁵ O vídeo está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=u5F8rxfmdXQ>

debates políticos. Por que o discurso de Marielle se centrou nesses pilares? Para trazer esclarecimentos e motivos, é necessário primeiro analisar o cenário político. Segundo os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nas eleições de 2016 a quantidade de candidatos negros era inferior a quantidade de candidatos brancos. Foram 29,11% dos candidatos a prefeito declarados negros e 70,29% dos candidatos brancos. O mesmo ocorreu para o cargo vereador: 42,07% negros e 57,13% brancos. Sendo que a diferença também é notada quando fazemos o recorte para mulheres negras, em que o percentual concorrendo ao cargo de vereadora era de apenas 14,2%. Enquanto que, para o de prefeita, o número cai drasticamente para 0,13%. No que diz respeito às candidatas eleitas, a quantidade de mulheres pretas que foram eleitas no pleito de 2016 foi de menos de 1% para o cargo de vereadora.

Comparando os dados relativos ao perfil dos candidatos e dos eleitos, percebemos que há ainda uma falta de representatividade das pessoas de origem negra, uma vez que a maioria da nossa população, 54,9%, é composta por negros e pardos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). Vemos nesse contraste um quadro de ausência de negros nas frentes políticas, denunciando uma falta de representatividade desse grupo e de seus interesses próprios, a qual corrobora, ainda que de maneira velada, a persistência do sistema atual político. Assim, é mais comum lidar com os problemas da favela com ações militarizadas de combate a violência e tráfico, permeadas pelo uso de camburões e longos confrontos, ações essas que levam a óbito não apenas traficantes, mas cidadãos comuns sem envolvimento com a criminalidade.

Quando analisamos o discurso de Marielle em seu vídeo, observamos por meio do seu relato pessoal, uma série de fatores alarmantes que para os moradores de favela têm se configurado apenas uma estatística em pesquisas nas quais a violência aparece como somente um destes problemas. Assim, em suas propostas, sua fala não se limita na implantação de projetos contra a violência, mas há diversas perspectivas de situações que carecem de atenção, como o debate de gêneros, de raça, a preocupação com creches e programas que garantam o acesso à educação e cultura na comunidade. Dessa forma, Marielle deixa claro que seu diálogo é pautado em sua vivência pessoal, nos desafios que superou em sua vida graças a esses recursos, e esse é o fator que legitima sua fala, é daí que sua representação mudou o cenário político em sua localidade. No ano de 2018, Marielle teve cinco dos seis projetos que apresentou aprovados pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, mesmo essa aprovação sendo em decorrência de um crime

que abalou o país, e que após oito meses permanece sem respostas, é válido sim ressaltar que todos remetiam a sua luta. Sendo eles: 1) Espaço Coruja (PL 17/2017): Institui o Espaço Coruja, programa de acolhimento às crianças no período da noite, enquanto seus responsáveis trabalham ou estudam; 2) Dia de Thereza de Benguela no Dia da Mulher Negra (PL 103/2017): Inclui no calendário oficial da cidade o Dia de Thereza de Benguela como celebração adicional ao Dia da Mulher Negra, em homenagem à líder quilombo la Thereza de Benguela; 3) Assédio não é passageiro (PL 417/2017): Cria a Campanha Permanente de Conscientização e Enfrentamento ao Assédio e Violência Sexual no município do Rio de Janeiro, nos equipamentos, espaços públicos e transportes coletivos; 4) Efetivação das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PL 515/2017): Prevê que o Município se responsabilize por suas obrigações legais, garantindo que as medidas socioeducativas do Judiciário sejam cumpridas pelos adolescentes em meio aberto e, eventualmente, dando-lhes oportunidades de ingresso no mercado de trabalho; 5) e Dossiê Mulher Carioca (PL 555/2017): Cria o Dossiê Mulher Carioca, para auxiliar a formulação de políticas públicas voltadas para mulheres através da compilação de dados da Saúde, Assistência Social e Direitos Humanos do Município do Rio de Janeiro. Percebemos, dessa maneira, a preocupação e representação da vereadora em relação as minorias e como seus projetos representavam um guerra contra hegemônica de representatividade de discurso.

Lugar de Fala

Ao analisar não só o vídeo, mas como também aspectos da vida política de Marielle Franco, temos por um lado iniciativas de educação e cultura em uma frente que luta pela vida digna de moradores das favelas, enquanto por outro lado há ações enfáticas de combate à violência por meio de ações policiais. Esse contexto traz um movimento de reivindicação do lugar de fala cada vez mais forte. A autora Grada Kilomba, no texto publicado em seu site intitulado como *Who Can Speak*, analisa a prática de debates como esses em sala de aula.

Todo semestre, no primeiro dia do meu curso, direciono algumas questões à turma. Primeiro nós contamos quantas pessoas temos na sala para ver quantas serão capazes de responder. Quando eu começo a fazer questionamentos simples como: o que foi a conferência de Berlim em 1884–5? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha? A colonização alemã no continente africano durou quanto tempo, no fim

das contas? Então concluo com questionamentos mais específicos, tais como: quem foi a rainha Nzinga? Quem escreveu Peles negras, máscaras brancas? Ou: quem foi May Ayim? Não surpreende que a maioria das/os estudantes brancas/os não consigam responder às questões, enquanto estudantes negras/os respondem corretamente a maioria delas. Repentinamente, aqueles cujo conhecimento tem sido escondido se tornam visíveis, enquanto aqueles que são sempre visíveis se tornam invisíveis. Aqueles que costumam se calar começam a falar, enquanto aqueles que sempre falam se tornam silentes. Silentes não porque não são capazes de articular suas vozes ou idiomas, mas, para além disso: eles não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? (KILOMBA, s/p., online, 2016)

Ao longo do texto Kilomba narra toda a trajetória de sua fala, quando colocada em temas de poder e autoridade racial, e como esse movimento de tomada de espaço enfrenta barreiras impostas por aqueles que confundem conhecimento com a vivência sobre o tema, usando da mesma vivência para enfraquecer o discurso do outro. Nesse mesmo paralelo, é importante citar a entrevista concedida à jornalista Sonia Racy em 18 dezembro 2017 para o Jornal Estadão, da autora do livro O que é o lugar de fala Djalmira Ribeiro quando questionada sobre o tema:

É pensar, sobretudo, quem foi autorizado a falar numa sociedade racista, machista. É só a gente começar a olhar as próprias produções bibliográficas dos nossos cursos, é só a gente começar a olhar quem são, numa redação, jornalistas. A gente não faz parte dos mesmos lugares de direito à fala. As pessoas gostam de dizer que tem que dialogar, mas como dialogar se um está no topo e o outro está na base? O outro sequer é ouvido, né? Então a gente falar de lugares de fala é pensar as hierarquias que estão postas na sociedade que autoriza que determinados sujeitos falem, ao passo que outros ficam invisíveis (RIBEIRO, s.p. online.2017)

A matéria leva o título de uma frase da autora abordada durante a entrevista "Ser negra aqui é ser estrangeira no próprio país". Essa frase nos traz a reflexão de quão complexo é a tomada de voz, e como essa tomada subverte o contexto social. Quando o cenário político é ocupado por pessoas que representam as pautas das minorias sociais desprestigiadas, tais como os direitos de negros, homossexuais e mulheres, as abordagens mudam, se tornando mais específicas por terem origem comum: quem propõe é também aquele que detém o conhecimento e a vivência.

Os paradigmas quanto a estatísticas de violência e miséria se rompem, a comunidade passa a ser vista sem "máscaras", estereótipos, ou qualquer objetificação

carregada há tantos anos por brancos e suas supostas concepções universais. A luta ganha ecos, que vão desde a aprovação dos projetos de Marielle na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, até a continuidade de palestras e encontros que discutem a conscientização de temáticas que ela considerava pilares de sua luta política.

Sementes

Nos dias posteriores à sua morte, internautas utilizaram as hashtags #NãoFoiAssalto e #MariellePresente, que estavam entre os termos mais comentados na quinta-feira 15 de março no twitter, para dar início a uma série de manifestos dentro e fora do país. A filha da favela da Maré, como se denominava, virou música presente nas vozes dos cantores MC Carol, Zara Larsson, Fala Ribeiro, Moe Drick, Thayanne Lima, e Daniel Fernandes. Poesias, presente nas obras de Ana Elisa Ribeiro, Silvana Guimarães, Nívea Sabino, Mariana de Matos, Líria Porto. Ilustrações, presente nos traços dos artistas Carol Ito, Mariana Cheniaux, Renan Quinalha, Mariana Souza, Beatriz França, Anna Satie, Nath Araújo, Ro Ferrer do cartunista Latuff, e Larissa Ribeiro. E homenagens, presente nos shows de Baiana System, Katty Perry, Roger Water, dentre outros.

A forma em rede proporciona uma resistência biopolítica no ciberespaço. Os atores distribuídos em uma rede reticular, propiciam que os materiais segmentados nas conversações cheguem em todo lugar. Esse material disperso afluiu entre os actantes, aparentado sob a interface da *www* (*world wide web*) onde cria-se diferentes formas de defesa, resistência e influência cultural. Assim como a África negra influenciou todo o Atlântico através da diáspora africana que vai desde de Bristol na Inglaterra, passando pela Colômbia atlântica até chegar no Rio de Janeiro, a rede “diaspórica” da internet proporciona que exista uma espécie de continuum para todas as cenas culturais. Isso faz com que os conteúdos não necessariamente passem pelo “centro”, fazendo com que as periferias estejam conectadas umas com as outras. “O que está acontecendo agora é que o processo de criação cultural se descentralizou em todas as áreas. Essas culturas estão emergindo pela internet. As conexões são diretas entre elas, sem passar pelo centro, sem ter filtro, sem ter mediação [...]” (LEMOS; DI FELICE, 2014, p.106)

Milhares foram às ruas em protesto contra o crime, considerado uma execução. Além de atos em pelo menos 19 estados brasileiros, cidades como Nova York (Estados Unidos), Montevideu (Uruguai) e Barcelona (Espanha) também demonstraram solidariedade. A família da ex-vereadora se envolveu, participando de atividades em

continuidade de seu trabalho. A esposa de Marielle Franco, Mônica Tereza Benício com palestras por todo Brasil, a irmã de Marielle Franco, Anielle Franco que participou da Cúpula Mundial de Defensores dos Direitos Humanos na cidade de Paris (França), que reuniu ativista dos direitos humanos.

Os movimentos têm se manifestado em rebeliões praticamente espontâneas, colocando em cheque o protagonismo da cobertura e previsibilidade da grande mídia sobre os acontecimentos sociais. Os movimentos despontam principalmente contra as estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes, mas sem ainda forjar uma nova articulação representativa. Esses movimentos têm sido importantes para conectar as pautas defendidas por Marielle a tantas outras vozes que já lutavam por seus direitos, bem como a outras que infelizmente só conheceram o tamanho desse manifesto após a morte da ex-vereadora, fato que a princípio ganhou espaço nas manchetes de jornais. Hoje, movimento encorpado, se une a outras vozes, formas, e volumes nas ruas. É essa a importância do seu local de fala, essa é a legitimidade que Marielle carregava e que demonstrava exercer com consciência em sua vida política. Repassar esse conhecimento era um de seus norteadores, sua vida política foi pautada em ações e diálogo a respeito.

Ecos de Marielle Franco

Qual a relevância de uma figura política como Marielle para o nosso meio social, o porquê de sua fala ser importante, como ela alcançou e como está ecoando? Retomo essas questões que foram debatidas e analisadas ao longo deste trabalho, iniciando com o conceito e relevância social do lugar de falar e em seguida relacionando fatores destaques da carreira da ex-vereadora Marielle Franco durante sua vida política, e eventos póstumos, como as manifestações e movimentos midiáticos repercutidos por pessoas do mundo todo.

Com intuito de usar como ferramenta de conclusão e reflexão deste artigo, o documentário - Ecos de Marielle Franco, disponível no YOUTUBE, produzido por Anna Carolina do Amaral com o propósito de alcançar as relação da ex-vereadora com uma amostra da juventude atual diante a sua trajetória, onde foram coletados para esse trabalho, depoimentos de alunos, sendo eles: Fabiula Martins, André Luiz, Hilany Loise, e Ana Beatriz Alberto, Júlia Maria, da Faculdade Araguaia do curso de Comunicação, em Goiânia, Goiás

Para essa produção a ideia foi direcionar todo o protagonismo das cenas para os entrevistados, e suas falas, no qual foi usado somente uma câmera fixa no estúdio, em primeiro plano, direcionada para eles, as perguntas foram as mesmas as quais início esse tópico, para todos os cinco, o que relato aqui, serão trechos de suas respostas de acordo com questões que interferem diretamente na vivência de cada um deles.

“Não tem como citar Marielle sem ter um peso na consciência com suas palavras, por causa do que aconteceu com ela, do que aconteceu com o motorista dela que só é reflexo do que acontece diariamente, todo hora, com pessoas negras, mulheres, então não tem como passar batido. Quando a gente fala que ela está presente em nossas vidas, é 24 horas por dia, ao sair de nossas casas para ir em qualquer lugar, mesmo estando com medo, mas com a certeza de que a gente tem que achar o nosso lugar. Marielle é uma representatividade para que a gente não desista de ser quem somos e principalmente a gente não desista de alcançar os nossos objetivos.” (Helany Loise, aluna do 1º período de jornalismo)

*“Tempo é aquela coisa né, tempo não tolera desaforo.
Dinheiro não tolera desaforo.
E eu acho que muita gente perdeu muito tempo por não ter conhecido antes (Marielle Franco).
O que me fez me refletir que as vezes direitos humanos para mim é uma coisa, para outros é outra coisa, tem gente que recrimina, tem gente que luta por isso.
Marielle morreu lutando por isso”
(Fabiula Martins, aluna do 3º período de Publicidade e Propaganda)*

*“Ela era uma pessoa que lutava demais por mim, eu não fazia a menor noção de quem era essa mulher na minha vida, sabe?
É triste saber, porque ela era uma pessoa que tinha o potencial para ser o Martin Luther King nosso e a gente não fazia a menor noção de quem que era essa pessoa até ela morrer.
De entender como é que é, você está em um lugar e já ser taxado como burro, ou mais ignorante, entendeu? Ela sentia isso na pele e tal... e ela ainda devia ser pior, porque ela estava em um lugar que eu nunca entrei, e eu acho que se eu estrasse, eu ia ser muito maltratado, saca?
Tipo Cheio de homem branco, de terno e tudo mais, rico, pó, só de ter uma pessoa lá da cor da minha pele, da minha raça, já é muito bom.
E aí você vê como incomoda né, porque quando tem eles matam”.
(André Luiz, aluno do 4º período de Publicidade e Propaganda)*

*“As pessoas acham que quando uma mãe nasce, ela precisa se privar totalmente de participar de palestras porque o filho está chorando ou precisa ficar sem o filho, sabe?
Não existe a mãe com um filho na sociedade, e uma mãe que estuda que trabalha, que chega em casa tarde não e considerada uma mãe boa aos olhos da sociedade.*

Por mais que sou que providencie tudo, educação, tudo, a respeito, da criação dela, eu ainda sou julgada o tempo todo, e principalmente por estar sozinha”.

(Júlia Maria, aluna do 6º período de Publicidade e Propaganda)

“Eu quero fazer parte disso também, eu não quero que pare na Marielle, eu quero ser a continuação dela”. (Ana Beatriz Bernardo, aluna do 2º período de Publicidade e Propaganda)

Ao iniciar sua fala a estudante Hilany Loise aponta para uma realidade ainda velada, segundo o estudo apresentado pelo Atlas da Violência 2018, em 10 anos os assassinatos de mulheres negras aumentaram em 15,4% apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Ainda sobre os dados a mesma pesquisa apontou um aumento de 23% homicídios contra negros, enquanto a taxa de homicídios de indivíduos não negros diminuiu 6,8%. Ao analisar esses dados entendemos quando, Helayne completa sua fala afirmando que Marielle deve ser lembrada 24 horas, porque mesmo com o medo, se faz necessário continuar e “achar o nosso lugar”.

O que Fabiula Martins aborda com suas falas é o questionamento de quantas Marielles não conhecemos por perca de tempo? Quantas não apoiamos? Não ter conhecido Marielle antes, foi um relato comum entre os jovens entrevistados, o que evidencia o resultado de um país que não preza pelo conhecimento político, segundo matéria publicada pelo site politize!⁶ pela Unidade de Inteligência do The Economist, o Brasil é uma “democracia imperfeita” e ficou em 51º lugar no ranking das democracias do mundo, no relatório de 2016. A cultura política do Brasil foi especialmente avaliada de forma negativa, sendo a nota que mais puxou a classificação final do Brasil para baixo: a entidade atribuiu a nota 3,75 (de 0 a 10) para o país nesse critério. A nota é a pior de toda a região da América Latina e Caribe, somente empatando com a Bolívia e o Haiti. Para termos uma ideia, não ficamos tão longe assim da Coreia do Norte, país com a pior nota do mundo: 1,25.

Júlia Maria é mais uma dentre milhões de “mães solo”, que assim como tantas convive diariamente com os desafios da maternidade. “Segundo dados colhidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2005, 10,5 milhões de famílias já eram compostas por mulheres sem cônjuge e com filhos, sendo elas as principais

⁶ A CULTURA POLÍTICA NO BRASIL.politize! Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-politica-no-brasil/>

responsáveis pela criação dos mesmos. Nos últimos 10 anos, o número de “mães solo” no Brasil aumentou em mais de um milhão. Ao mesmo tempo, a taxa de fecundidade caiu de 2,38 filhos por mulher para 1,9, em 2010⁷.

Em um país que se faz necessário refletir cada vez mais sobre a importância de vozes como essas em debates políticos, sobre leis e projetos de orientação sexual, familiar, sobre a importância da tomada de negros e mulheres em espaços os quais são condicionados a não existir, como espaços acadêmicos, políticos, entre tantos outros, resistir e existir se tornam, em tempo como os de hoje, mais necessário do que nunca. Ana Beatriz encerra deixando isso claro, falando sobre continuação, sobre a dimensão do legado de Marielle Franco e do anseio de se tornar parte disso, o que só reafirmar como representações importam.

Considerações Finais

Marielle Franco aprendeu desde cedo, com sua gravidez aos dezenove anos de idade, o que a estatística reservava para o seu futuro. Porém, apesar das possibilidades serem poucas, ela fez o improvável e transformou a estatística em seu ponto de fuga e de luta. Falar sobre local de fala, é falar sobre a localização de poder dentro da estrutura. Para Hardt e Negri a própria biopolítica será encarada como um conjunto de resistências e de contrainsurgências de vida que não se deixam controlar e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um espaço público. Isso porque os autores fazem uma importante distinção entre “biopoder” e “biopolítica”, uma dualidade que não se encontra em Foucault. Os autores explicam que o termo “biopolítica”, originalmente cunhado por Foucault, passa por uma revisão por parte de uma série de estudiosos do filósofo francês, que começam a avaliar não só o poder de controle do Estado, mas consideram também que a própria vida carrega uma carga de poder através de seus corpos, afetos e desejos, ou seja, impregna uma possibilidade de antipoder frente àquele que a subjuga. No caso de Marielle Franco, sua própria vida e sua representatividade foram o motor para a viralização de atos de resistência.

Ao trazer à pauta do dia toda representatividade de Marielle Franco e ainda apoiada em seu lugar de fala, seu discurso eocado por meio das redes, permite-se a quebra da chamada “Espiral do Silêncio”, uma perspectiva desenvolvida pela cientista social

⁷ A realidade das mães solo no Brasil.Laboratório de EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://labedu.org.br/realidade-das-maes-solo-no-brasil/>

alemã Elisabeth Noelle Neuman, para explicar o silêncio das minorias e o prevaecimento de determinadas opiniões em sociedades “democráticas”. Com isso, “a medida que as pessoas se calam, acabam, imediatamente, reforçando as opiniões dos meios de comunicação” (TEMER; NERY, 2009, p. 95), sendo que esse prevaecimento de determinadas vozes, que não são apenas sonoras, mas, principalmente, de ação ideológica, se reificam por forças políticas-econômicas que impedem opiniões contrárias a monopolização do poder, ao dito “progresso e avanço científico/tecnológico/econômico”. Tal impedimento se encontra, especialmente, nos meios de comunicação e seu controle pela detenção do poder comunicativo e de visibilidade, o que unifica e convergem as visões de mundo a uma que dita e estrutura o nosso lugar e pensamento.

E desafiar os discursos se impondo pelo não silenciamento, como fez a vereadora Marielle Frando, é desconstruir aquilo que torna os sujeitos subalternos, que segundo Spivak (2010) é quem se encontra nas camadas mais baixas da sociedade, são os sujeitos excluídos do sistema, não são agentes, pois seu discurso não é ouvido e se dito não é tido como “oficial” ou “válido”.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: 2003. Carta Capital, 13 maio 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/ARsknv>>. Acesso em: 28 set. 2017.

DI FELICE, Massimo. **Do Público para as redes**. São Caetano do Sul. Ed.Difusão, 2008.

_____. **Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. São Paulo: Revista Matrizes. USP. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013.

Grada Kilomba / Traduzido por Jéssica Oliveira de Jesus, “A Máscara,” Biblioteca do Comum, acesso em 10 de abril de 2019, <http://www.bibliotecadocomum.org/items/show/90>.

HARDT, Michael e NEGRI, Antônio. **Império**. Rio de Janeiro: Record. 2012

_____. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism**.[*] tradução livre do texto originalmente publicado em inglês na página oficial da autora. (Excerto do livro: 'Plantation Memories'.) Acesso em 11 jan. 16. Tradução: Quianga, Anne Caroline: Preta, Nerd e Burning Hell. Racy, Sonia: Estadão, 2017.

MEILI, Ângela M. **Pragmática, tecnologia e corpo: um ensaio sobre a força política dos enunciados midiáticos**. Contemporânea. Ed.22 | Vol.11 | N2 | 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. p. 297-339.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Trad.: Julio Cesar Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso, 2005.

RIBEIRO, Djamila. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

SPIVAK, Gayatri. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação.** Uberlândia: EDUFU, 2009.